

**Uma Revisão de Literatura sobre o *Bullying***

**Lisiane Saavedra Argenti de Oliveira**

**Monografia apresentada como exigência do Curso de Especialização em  
Psicologia Escolar, sob a orientação do  
Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Porto Alegre, abril de 2012**

## Sumário

|   |    |
|---|----|
| Resumo.....                                     | 03 |
| Capítulo I                                      |    |
| Introdução.....                                 | 04 |
| Capítulo II                                     |    |
| 2 Revisão de Literatura.....                    | 05 |
| 2.1 Origem e Definição de <i>Bullying</i> ..... | 05 |
| 2.2 Personagens do <i>Bullying</i> .....        | 07 |
| 2.3 Efeitos/ Consequências.....                 | 11 |
| 2.4 Fatores de Risco.....                       | 14 |
| 2.5 Pesquisas e Prevalência.....                | 17 |
| 2.6 Programas de Intervenção.....               | 20 |
| Capítulo III                                    |    |
| Discussão.....                                  | 23 |
| Capítulo IV                                     |    |
| Considerações Finais.....                       | 29 |
| Referências.....                                | 30 |

## Resumo

Tendo em vista a preocupação sobre o aumento da violência escolar nos dias de hoje, o presente trabalho tem por finalidade fazer uma revisão de literatura a respeito do tema *bullying*. Este fenômeno consiste em condutas agressivas, intencionais e repetitivas, sem motivação aparente de um estudante sobre outro, numa disparidade de poder, causando sofrimento na vítima sem que ela consiga se defender satisfatoriamente. No decorrer da revisão será descrito as características dos personagens (agressor, vítima, vítima-provocadora, vítima-agressora, testemunha) envolvidos em *bullying*, cuja prática provocam consequências negativas a curto e a longo prazo em termos psicológico, físico, social e cognitivo. Destarte, foi verificado que alguns fatores - familiares, escolares, individuais, etc. - causam riscos tanto para os agressores quanto para as vítimas e as testemunhas. O trabalho conta, ainda, com pesquisas esclarecedoras sobre o fenômeno *bullying* que segundo estudos realizados ocorrem na proporção de 5% a 35 % de casos no mundo todo. Para finalizar, o trabalho também aborda alguns programas de intervenção que estão contribuindo para a diminuição da violência nas escolas onde foram implementados.

Palavras-chave: *Bullying*; consequências; fatores de risco; prevalência; programas de intervenção.

# Capítulo I

## Introdução

A realidade atual vem nos mostrando que a violência cresce a cada dia e, quer estejamos preparados ou não, ela se impõe e invade os espaços que antes eram considerados seguros, tais como: a família, a comunidade e, até mesmo, a escola.

A violência escolar (denominada *bullying*) é um tema que está sendo estudado e discutido no mundo inteiro. A todo momento surgem fatos, relatos, notícias envolvendo crianças, adolescentes e adultos que guardaram mágoas, ressentimentos e revoltas da época em que eram estudantes.

Diante dos elevados índices de violência escolar referido em pesquisas, o *Bullying* começou a ser visto como um fenômeno carregado de significados. Autores como Lisboa, Braga e Ebert (2009) supõem haver mudanças na maneira de analisar as atitudes agressivas (que sempre existiram, mas que até então eram ignoradas e/ou negligenciadas) e pesquisadores passaram a encará-las não mais como um fenômeno corriqueiro e inofensivo, mas como um processo que merece ser cuidadosamente observado e investigado, pois implica graves consequências (emocionais, sociais, cognitivas) para os envolvidos.

Pensando na gravidade deste fenômeno, o presente trabalho traz, em uma revisão de literatura, o *bullying* e seu entorno. Será descrito sua origem e definição, a caracterização dos personagens, seus efeitos/consequências bem como os fatores de risco associados. Os dados de pesquisas e a prevalência enriquecem o texto e os programas de intervenção já adotados em busca de soluções e mudanças complementam e fortalecem a ideia da importância de novas pesquisas neste fenômeno tão devastador que é o *bullying*.

## Capítulo II

### Revisão de Literatura

#### 2.1 Origem e Definição de *Bullying*

A violência escolar já existe a bastante tempo, porém não era identificada como um mal nem estudada as decorrências de sua prática.

Os estudos sobre *bullying* tiveram início mesmo na década de 70, na Noruega (Lisboa, Braga e Ebert, 2009, Antunes e Zuin, 2008, Fonseca e Veiga, 2007). Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Bergan, na Noruega é considerado o fundador da pesquisa sobre *bullying*, pois ele começou a recolher dados empíricos nos pátios das escolas suecas e norueguesas nos anos 70, chamando a atenção da sociedade europeia e mundial para o fenômeno (Fonseca e Veiga, 2007).

Já no Brasil os estudos sobre o *bullying* iniciaram no fim dos anos de 1990 e início de 2000 (Fante e Pedra, 2008; Antunes e Zuin, 2008) e, ainda são muito poucos, comparados com as pesquisas realizadas em outros países.

O termo *bullying*, de origem inglesa, ainda sem correspondente na língua portuguesa que possibilite uma tradução literal, apresenta várias nomenclaturas. Em países como Noruega e Dinamarca, surge a palavra *mobbing*; na Suécia e na Finlândia, aparece *mobbning*; na França, denomina-se *harcèlement quotidien*; na Itália, como *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, como *yjime*; na Alemanha, como *agressionen unter shülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares*; e, em Portugal, como maus-tratos entre pares (Fante, 2005).

O *bullying* é definido como todas aquelas atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação aparente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento; tal forma de violência ocorre em uma relação desigual de poder, caracterizando uma situação de desvantagem para a vítima, a qual não consegue se defender com eficácia (Fante, 2005, p. 28).

Rolim (2008) trata o *bullying* como uma subcategoria do comportamento agressivo, de tipo perigoso, particularmente disseminado nas escolas entre crianças e adolescentes, onde alguém oferece, conscientemente e de forma repetida, algum tipo de dano ou desconforto a outra pessoa ou a um grupo de pessoas.

De acordo com Esperon (2004) para se constituir o *bullying* é indispensável a presença das seguintes características: o desejo de ferir (física ou emocionalmente); a ação agressiva; o desequilíbrio de força; a continuidade da ação; a utilização injusta do poder; o sentimento evidente de prazer demonstrado pelo agressor e a sensação da vítima de estar sendo oprimida.

O *bullying* também pode ser identificado como direto e indireto (Olweus, 2004). O primeiro se refere a agressões físicas e verbais e o segundo modelos de exclusão menos evidentes, como indiferença, isolamento, difamação, entre outros (Lisboa, Braga e Ebert, 2009).

Além disso, Silva (2010) pontua que o *bullying* pode se manifestar por atitudes das mais diversas formas, como verbal (insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, zoar, etc.), física e material (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar ou destruir os pertences da vítima, atirar objetos contra as vítimas, etc.), psicológica e moral (irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar ou ameaçar, chantagear e intimidar, dominar, perseguir, difamar, fazer intrigas e fofocas, etc.), sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar, etc.) e virtual/*cyberbullying* (Silva, 2010).

Este novo tipo de agressão, o *cyberbullying*, surgiu através do mundo globalizado em que vivemos e do avanço tecnológico, pois este comportamento envolve o uso da informação e das tecnologias digitais atuais, como *emails*, mensagens para celulares, mensagens de texto instantâneas (MSN, ICQ, etc), web sites pessoais, comunidades virtuais, sites de relacionamento, como meio para intimidar e prejudicar colegas (Maidel, 2009; Campbell, 2005).

Os agressores utilizam-se, assim, de aparelhos e equipamentos de comunicação como veículos para difundir, de forma avassaladora, difamação e calúnia (Almeida, Silva e Campos, 2008). Isso faz com que o *cyberbullying* possa às vezes se tornar anônimo e impessoal, o que significa que alguns alunos podem ser encorajados a praticá-lo, quando não o teriam coragem de enfrentar cara-a-cara e dizer o que quiser (Li, 2006, Campbell, 2005).

Enquanto fenômeno contemporâneo, o *cyberbullying* ainda requer muita atenção de estudiosos e pesquisadores do mundo todo, principalmente porque seu estudo é relativamente recente na literatura e ainda carece de uma visão integradora para que possa ser compreendido em sua totalidade. Essa prática implica em uma gigantesca

dificuldade e até mesmo uma impossibilidade de tirá-las de circulação, o que acaba conferindo um certo aspecto perene a referidas agressões (Maidel, 2009).

Para Campbell (2005), o *cyberbullying* é um problema global com muitos incidentes relatados nos Estados Unidos, Canadá, Japão, Escandinávia, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia. Pérez et al. (2009) realizaram uma pesquisa com 20.941 pré-adolescentes e adolescentes, dos seguintes países, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela, cujo objetivo principal foi de explorar a expansão da violência digital na Internet e nos celulares. Os pesquisadores concluíram que: 12,1% experimentaram alguma forma de *cyberbullying*, o celular mostrou ser a ferramenta mais utilizada para a agressão (13,3% reconheceram ter prejudicado alguém com o celular) e o agressor digital é um papel mais desempenhado pelo gênero masculino.

Outra forma ainda de violência encontrada na escola, segundo Oliveira e Gomes (2012) é o *bullying* em grupo. Para as pesquisadoras como os adolescentes normalmente andam juntos, eles também se reúnem para praticar o *bullying*; as gangues, os bondes, as torcidas organizadas são exemplos desses grupos de adolescentes que cometem tais atos. Muitas vezes alguns adolescentes sem autonomia de pensamento e sem um bom suporte familiar unem-se a estes grupos para ficar imune aos ataques.

## 2.2 Personagens do *Bullying*

Ao longo dos episódios de *bullying* papéis vão sendo criados e reforçados. Lopes Neto (2005) identifica os personagens envolvidos neste cenário como autores (ou agressores), alvos (ou vítimas) e testemunhas (ou espectadores) conforme suas atitudes diante da situação de *bullying*.

Para Silva (2006) não existe idade para ser agressor ou vítima de *bullying*. Até mesmo crianças tem capacidade de agredir outras crianças, mesmo com pouca idade eles são capazes de organizar um cerco a certas crianças o que depois encontram dificuldades em abandonar seus papéis com o passar do tempo.

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros (Lopes Neto, 2005).

Eles apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados e geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado (Silva, 2010).

Assim, os agressores possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico (Silva, 2010).

Os autores comumente têm pouca empatia e freqüentemente pertencem a famílias desestruturadas, com pouco apoio dos pais (Almeida, Silva e Campos, 2008). Rolim (2008) do mesmo modo, aponta para uma forte correlação entre crianças autores de *bullying* e um tipo de educação marcada pela negligência e/ou pela violência ou formas intolerantes e desrespeitosas de disciplina.

Os agressores consideram que todos devem realizar suas vontades, e por uma orientação ou educação pouco adequada querem ser o centro das atenções; sentem-se recompensados, mesmo que em curto prazo, por obterem status, poder ou objetos materiais que lhe eram desejáveis, portanto sentem prazer em estar na situação ou no papel que desempenham durante as ações de ameaças, agressões ou ridicularização das vítimas (Picado, 2009).

Por outro lado, Francisco e Libório (2009) consideram que para um indivíduo ser caracterizado como vítima é necessário que o mesmo tenha sofrido de três a seis ataques no mínimo, em um mesmo período do ano, e que estes ataques apresentem um caráter de intencionalidade e repetição.

As pessoas vitimizadas são aquelas descritas como inseguras, pouco sociáveis, possuindo baixa auto-estima, quietas e que não dispõe de recursos ou habilidades para reagir ou fazer cessar efetivamente aos atos de agressividade que recaem sobre si (Francisco & Libório, 2009, Fante & Pedra, 2008).

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais que apresentam pode torná-los mais vulneráveis às ações dos agressores e dificultar a aceitação dos seus colegas (Eiras, 2011). Dentre essas características, podemos citar: o aspecto físico diferenciado dos padrões impostos pelos colegas (ex. é magro ou gordo); medo constante que o prejudiquem, lhe façam mal; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, alguma dificuldade de



aprendizagem, ansiedade e frequentemente apresentam aspectos depressivos (Eiras, 2011).

Nas relações familiares das vítimas, Rolim (2008) concluiu em seus estudos que elas aparecem como fortemente envolvidas com seus pais ou outros membros da família numa espécie de superproteção.

Além disso, as vítimas temem a escola, manifestando menor frequência e risco de evasão (Rolim, 2008). Ela pode ser aquele “novo” na turma, que tem poucos amigos na escola, com necessidades especiais, problemas de saúde (asma, bronquite, alergias, problema de pele), pertencer a grupos e ter interesses diferentes da maioria (religiosos, étnicos, sociais), usar roupas desadequadas a sua idade (Picado, 2009).

Observa-se que a maioria das vítimas não se atrevem a confessar a agressão ou intimidação que sofreram, seja por vergonha, medo do ridículo ou ser maltratados ainda mais por seus companheiros (Donohue e Achata, 2007; Santos e Grossi, 2008).

De acordo com Olweus (1993), as crianças vítimas de *bullying* podem ser *passivas*, ou seja, isoladas (excluídas), introvertidas e/ou inibidas; apresentam uma percepção negativa de si mesmas e da situação em si, pois não conseguem vislumbrar alternativas para mudar a situação. Para o autor também podem ser *provocativas*, ao apresentar comportamento agressivo e/ou ansioso, que pode irritar ou provocar tensão no contexto grupal em que estão inseridas, gerando, por consequência, a exclusão do grupo de pares.

Fante (2005) também classifica os alvos: “vítima provocadora” e “vítima-agressora”. A primeira seria aquela que provoca e atrai reações negativas para si, reações com as quais não sabe lidar com eficiência, podendo ser hiperativa, inquieta, perturbadora. Já a vítima-agressora seria aquela que reproduz a violência sofrida contra outros, escolhendo um bode expiatório, alguém considerado por ela mais frágil e um potencial alvo. Em outras palavras, a vítima se torna também um agressor (alvos/autores ou vítimas/agressoras ou ainda vítimas/autores de *bullying* que ora sofrem ora praticam o *bullying* conforme apontado por Almeida, Silva e Campos, 2008), sendo formado um novo personagem desta classificação dos envolvidos na prática de *bullying*.

Nas pesquisas citadas por Rolim (2008) envolvendo o perfil das relações familiares de crianças entre 9 e 11 anos apontam que as vítimas-agressoras possuem as piores relações familiares (“frias” e pouco acolhedoras). Segundo as crianças deste grupo, seus pais não exercem efetivamente funções de monitoramento e cuidado, sendo

negligentes. Ao mesmo tempo, seriam superprotetores em relações de baixa afetividade, o que sugere uma disciplina inconsistente e contraditória.

Existe ainda um outro grupo que não são nem de agressores, nem de vítimas, nem de vítimas-agressoras que são as testemunhas ou espectadores. As testemunhas se referem aqueles alunos que presenciam os maus-tratos, porém não o sofrem diretamente e nem o praticam, mas se expõem e reagem inconscientemente a sua estimulação psicossocial (Fante, 2005).

Conforme Silva (2010) há três tipos de espectadores: os passivos, os ativos e os neutros. Os espectadores passivos são aqueles que não concordam e até repelem as atitudes de *bullying*, porém ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas e estão propensos a sofrer as consequências psíquicas devido as suas estruturas psíquicas frágeis. Os espectadores ativos também não participam ativamente dos ataques, no entanto manifestam “apoio moral” aos agressores, incentivam, se divertem com o que vêem e são os articuladores dos ataques. E, por fim, temos os espectadores neutros, que não demonstram sensibilidade pelas situações de *bullying* presenciadas, como se estivessem sob o efeito de uma “anestesia emocional”.

Lopes Neto (2005) os classificam pela forma como reagem ao *bullying*, são os auxiliares (participam ativamente da agressão), os incentivadores (incitam e estimulam o autor), os observadores (só observam ou se afastam) ou os defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão).

As testemunhas, muitas vezes, simpatizam com os colegas vitimizados e condenam o comportamento dos jovens que agridem, entretanto, essas crianças ou adolescentes têm medo de se tornarem alvos das agressões e, por essa razão, não intervêm e esperam que um professor ou algum pai faça isso (Lisboa, Braga e Ebert, 2009). Por outro lado, Lopes Neto (2005) coloca que muitas testemunhas acabam acreditando que o uso do comportamento agressivo contra os colegas é o melhor caminho para alcançarem a popularidade e o poder, e, por isso, tornam-se autores de *bullying*.

Em relação ao perfil das famílias das testemunhas, Rolim (2008) coloca que estas se mostram como coesos, sem superproteção, pais monitorando e interessados, sem punição e sem negligências, não se mostrando como influência negativa para tal comportamento de espectador.

Independentemente de qual grupo as testemunhas façam parte o que prevalece é uma conduta que não pode ser ignorada seja pela omissão seja pelo reforço porque isso afetará sua vida e trará consequências negativas a sua personalidade e modo de viver.

### 2.3 Efeitos/Consequências

Muitas vezes a prática de *bullying* é invisível ou é considerada brincadeira de criança, mas na verdade o *bullying* traz consequências negativas a todos os personagens envolvidos nesta trama: agressores, vítimas, vítimas-agressoras e testemunhas.

Esses efeitos negativos provocam o aparecimento de manifestações, tanto a curto quanto a longo prazo (Esperon, 2004, Lopes Neto, 2005). A curto prazo, estão relacionados os distúrbios físicos e psicológicos, queixas clínicas repetidas e mal definidas como cefaléia, dor abdominal, dor de garganta, náuseas, vômitos, enurese, distúrbios escolares, tristeza e insônia (Almeida, Silva e Campos, 2008). Já as consequências a longo prazo parecem estar relacionadas com os comportamentos mais violentos e a presença de problemas criminais na vida adulta (Esperon, 2004).

Para os agressores as consequências podem ser prejudiciais no sentido de não saberem lidar com situações de conflito, ser pessoas sem limites em suas ações que se utilizam de algum tipo de violência para conseguir algo, podendo inclusive não conseguir no futuro ter bons relacionamentos conjugais, no trabalho e na família (Silva e Vinha, 2011, Picado, 2009).

Além disso, poderão transportar para a vida adulta, comportamentos anti-sociais, de criminalidade, abuso de substâncias aditivas (Picado, 2009, Ferreira, Freire e Simão, 2006), porte de armas de fogo, envolvimento em lutas de rua, e, futuramente, violência doméstica contra as mulheres, abuso sexual sobre crianças, maus-tratos a idosos (Rolim, 2008), eles também associam-se com pares desviante, constituem gangues, não costumam demonstrar sentimento de culpa, apresentam promiscuidade sexual e crueldade com os animais (Zaine, Reis e Padovani, 2010).

Olweus (1993) em suas pesquisas identificou que em 60% dos alunos que exercitaram o comportamento do "*bullying*" ativo no transcurso do ensino médio, ocorreu no mínimo uma condenação por delito penal aos 24 anos de idade.

Apesar disso, o desenvolvimento cognitivo e intelectual parecem não ser afetados, pois Silva (2010) expõe que o desempenho escolar desses alunos

costuma ser regular ou deficitário, porém, em hipótese alguma isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles.

No entanto, a maioria dos alunos que são agressores sofrem de SMAR (Síndrome de Maus-tratos Repetidos), que é uma doença psicossocial, produzida por sofrimento de maus tratos por parte da família ou de outras pessoas, tendo por consequência a necessidade do agressor de maltratar o colega considerado “inferior”, pois para ele essa é a chance de se sentir superior (Fante, 2005).

Já as consequências do *bullying* para as vítimas tem a mesma ou até maior proporção de gravidade do que os efeitos nefastos sofridos pelo agressor. Os efeitos negativos a curto prazo citados anteriormente são muito mais reações das vítimas do que dos agressores. Rolim (2008) acrescenta, dificuldades de relacionamento, baixa auto-estima, baixa confiança nas pessoas, sentimento de solidão, ansiedade e insegurança. Nas consequências a longo prazo o autor considera a gagueira, agressividade, sensações paranóicas, vitimização no ambiente de trabalho, e inclusive comportamentos delinquentes, uso de drogas e maior tendência ao suicídio.

Inúmeros casos já ocorreram no mundo todo, onde vítimas de *bullying* na infância cometeram crimes e após suicidaram-se. Exemplo disso podemos citar o caso mais famoso, ocorrido na cidade de Littleton, Colorado, nos Estados Unidos, em abril de 1999, na Columbine High School. Erick Harris e Dylan Klebold entraram na escola onde eram alunos e abriram fogo, matando doze estudantes e um professor e ferindo mais de 30 outras, suicidando-se após (Vieira, Mendes e Guimarães, 2009).

Vieira, Mendes e Guimarães (2009) acrescentam que no dia 22 de abril de 2007 uma matéria jornalística foi publicada no site *The Sunday Paper* onde afirmava que outros casos de *school shooting* (em uma tradução aproximada: tiroteios na escola) haviam ocorrido na Alemanha, na Suécia e no Canadá.

No Brasil infelizmente também presenciamos casos dessa natureza, como o da Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, RJ. O Jornal Zero Hora (07.04.11 on line) publicou que o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, 24 anos, invadiu a escola no dia 07.04.2011 e efetuou vários disparos contra os estudantes e professores, deixando 11 mortos e pelo menos 13 pessoas feridas, após a chegada da polícia e ser rendido suicidou-se com um tiro na cabeça.

Outros casos de suicídios ou tentativas de suicídio de alunos são relatados pela mídia vítimas de *bullying* como reflexo de perseguições, chacotas e agressões físicas e psicológicas, sem no entanto ter ataques ou massacres como pano de fundo.

Silva (2010) traz os efeitos psicológicos da prática de *bullying*, dentre eles destacam-se: Transtorno de Pânico (medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, o indivíduo é tomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos, como taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, sudorese), Fobia Escolar (medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar acompanhada de sintomas psicossomáticos), Fobia Social (ansiedade excessiva e persistente, com temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente), Anorexia Nervosa (pavor descabido e inexplicável que a pessoa tem de engordar, com grave distorção da sua imagem corporal) ou Bulimia Nervosa (ingestão compulsiva e exagerada de alimentos altamente calóricos, seguida por um enorme sentimento de culpa em função dos excessos cometidos), e Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) (pensamentos sempre de natureza ruim, intrusivos e recorrentes [obsessões], causando muita ansiedade e sofrimento, isso faz com que a pessoa passe a adotar comportamentos repetitivos [compulsões] a fim de exorcizar tais pensamentos e de aliviar a própria ansiedade de forma sistemática e ritualizada).

Devido aos traumas sofridos, as vítimas podem ter recordações frequentes desses acontecimentos, essencialmente transmitidos através de pesadelos em que se repete parte ou totalidade dos fatos vivenciados, a criança ou adolescente pode sentir-se ou comportar-se como se essas experiências estivessem a repetir-se novamente no presente, o que também pode levar a vítima a desenvolver a Síndrome de Estresse Pós-Traumático (Rodriguez, 2007).

Alguns indicadores podem ser sinalizados pela vítima no ambiente escolar, entre os quais encontram-se a falta de vontade e medo de ir à escola; o sentir-se mal ao sair para escola e não querer ir sozinho; mudar o caminho da escola; chegar sempre da escola com roupas e livros rasgados e manchados; ficar calado, arredio, angustiado, ansioso, deprimido; perder repetidamente pertences e dinheiro; e não falar sobre o assunto (Almeida, Silva e Campos, 2008) além do impacto no desempenho escolar, à baixa frequência e a evasão escolar (Rolim, 2008).

Os resultados da pesquisa realizada por Cunha (2009) enfatizam a relação entre a vitimização entre pares e o ajustamento psicossocial, sugerindo que a exposição aos fatores negativos da agressão e vitimização aumentaria significativamente o risco do desenvolvimento de sintomas depressivos, para as vítimas, agressores e especialmente para as vítimas-agressoras. Tais indicadores sugerem que a agressão e vitimização entre

pares pode ser um possível sinais de alerta, também no que diz respeito à depressão na adolescência.

As vítimas-agressoras (*ou bully-vítimas*) também apresenta um envolvimento deficitário com os pares e pais em relação aos outros grupos de crianças (no que se refere aos papéis no *bullying*), apresentando mais sintomas depressivos, queixas de sintomas físicos e psicológicos, do que qualquer outro grupo; além disso, apresentam um nível de consumo de drogas e tabaco mais elevados do que os grupos de vítimas, de agressores, de seguidores (que reforçam o *bullying*) e de testemunhas (Lisboa, Braga e Ebert, 2009).

Já os espectadores, podem desenvolver alguns traumas psicológicos, afinal, muitos deles gostariam de fazer algo, mas não denunciam as agressões por medo de represálias, por temerem ser o próximo alvo e por frequentar um ambiente muitas vezes não seguro, sentindo-se culpados por nada fazerem (Silva e Vinha, 2011). Além disso, estas podem sofrer influência negativa sobre sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (Almeida, Silva e Campos, 2008).

A superação dos traumas causados pelo *bullying* poderá ou não ocorrer, dependendo das características individuais de cada vítima (capacidade de se relacionar consigo mesmo, com o meio, e, sobretudo, com sua família) (Fante, 2005).

Francisco e Libório (2009) afirmam que causadores e vítimas de *bullying*, ambos precisam de ajuda. Por um lado, as vítimas sofrem uma deterioração da sua auto-estima, e do conceito que tem de si, por outro, os agressores também precisam de auxílio, visto que sofrem grave deterioração de sua escala de valores e, portanto, de seu desenvolvimento afetivo e moral.

Assim, prejuízos financeiros e sociais causados pelo *bullying* atingem também as famílias, as escolas e a sociedade em geral. As crianças e adolescentes que sofrem e/ou praticam *bullying* podem vir a necessitar de múltiplos serviços, como saúde mental, justiça da infância e adolescência, educação especial e programas sociais (Lopes Neto, 2005).

## 2.4 Fatores de Risco

Podemos observar um grande número de fatores externos e internos que predis põem maior ou menor risco aos personagens envolvidos em *bullying*.

Estes riscos da manifestação do *bullying* estão relacionados, muitas vezes, a

fatores sócio-econômicos e culturais, bem como aspectos inatos de temperamento e influência familiar, de amigos, da escola e da comunidade (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Inúmeras correntes filosóficas, psicológicas, antropológicas e pedagógicas tentam explicar o *bullying*, e a maioria aponta para os seguintes aspectos: carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas, excessiva permissividade, exposição prolongada às inúmeras cenas de violência exibidas pela mídia e pelos games, e facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação (Fante e Pedra, 2008).

Debarbieux (2006) caracteriza os fatores de risco como sendo: *individuais*, os problemas mais relacionados são complicações natais, problemas de saúde, distúrbios psicológicos internalizados, temperamento, agressividade, abuso precoce de drogas e álcool, entre outros; *familiares*, maus tratos e abuso sexual dos pais (familiares), a falta de interesse e empenho nas atividades escolares, ou ainda nas atividades de tempo livres do aluno, o estilo parental de educar podendo ser repressivo e autoritário, castigo físico, rigidez e a indiferença; *associados à escola*, o insucesso escolar, o abandono escolar, problemas disciplinares frequentes, as mudanças frequentes de escola; *ligado aos pares*, pertencer a uma gang, o isolamento, os conflitos entre pares, e *meio social*, pobreza, a desorganização comunitária, a exposição à violência e ao racismo. Embora esses fatores de risco sejam influentes, cada fator em si não é uma explicação suficiente para a causa da agressividade.

Os acontecimentos do dia a dia e as experiências individuais e grupais são interpretadas e internalizadas de maneira distinta pelas crianças; assim, um mesmo ambiente pode ser agradável para uma criança e extremamente desagradável para outra. Essas idéias que remetem a conceitos que sugerem as crenças individuais (sociocognições) das crianças também interferem para que a vitimização ocorra, ou seja, características individuais das vítimas podem facilitar a ocorrência das agressões (Lisboa, Braga e Ebert, 2009).

Pelo contexto social em que vivemos, percebe-se que, através dos problemas da atualidade de pobreza e de desemprego responsáveis pela desigualdade social, estes acabam por favorecer um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes anti-sociais (Rodriguez, 2007).

Da mesma forma, determinadas características presentes nas comunidades e

derivadas da desorganização social como, por exemplo, possibilidade de acesso fácil a drogas ilegais ou a armas de fogo, também constituem fatores importantes para um comportamento de risco (Rolim, 2008).

Entretanto, Silva e Vinha (2011) nos ditam que não é o contexto que determina as condutas agressivas, assim como não é a genética a grande vilã dessa história, e sim como os meninos e as meninas se vêem diante do meio e constroem suas personalidades integrando tudo aquilo que foram valorizando durante suas vidas, podendo, assim, tornarem-se resilientes.

No relacionamento interpessoal as dificuldades enfrentadas por adolescentes que sofrem de problemas de ajustamento psicológico e estresse social são um fator de risco para a vitimização de tais estudantes (Cunha, 2009).

A grande maioria dos autores sustenta que as características gerais da escola, suas normas disciplinares e a forma como os professores lidam com determinados valores e se relacionam com seus alunos podem implicar em grandes diferenças quanto as taxas de *bullying* (Rolim, 2008)

Fante (2005) considera que a relação professor-aluno poderá ser estabelecida por inúmeros fatores desagradáveis, que acabam por influenciar o estabelecimento de um clima desagradável na sala de aula. A autora pontua que o desrespeito, a discriminação, a imposição da autoridade através de ameaças, intimidações, agressões verbais, são estratégias bastante comuns por parte de professores, que poderão acabar prejudicando um bom desenvolvimento de relações interpessoais entre as crianças, incitando desta forma à agressividade e à violência entre os próprios alunos.

Rolim (2008) em sua pesquisa verificou que os alunos, especialmente os meninos, percebem que o ambiente escolar lhes oferecem riscos significativos; alguns se sentem “protegidos”, porque possuem um amigo forte e temido, outros porque possuem um parente (irmão ou primo) mais velho e que está disponível socorrê-los na primeira necessidade, e outros, por fim, encontram o mesmo conforto no pertencimento a um “bonde”.

A falta de um “espaço público” na escola, onde os alunos possam ser vistos e ouvidos, faz com que as pessoas se fragmentem em torno dos seus próprios problemas e busquem soluções para aquilo que já não é um tema “do mundo”, mas “tão somente” do “seu mundo”, assim, sem o perceber, é nesta ausência que a escola condena os mais frágeis e pavimentam o caminho para a violência (Rolim, 2008).

Embora não existam muitos estudos sobre os métodos educativos familiares que



incitem ao desenvolvimento de alvos de *bullying*, alguns autores defendem que existem alguns fatores que são identificados como facilitadores: proteção excessiva, gerando desta forma dificuldades para enfrentar desafios e para se defenderem; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional que fica aquém do que é aceito pelo grupo de pares; e o papel de “bode expiatório” da família, sofrendo críticas frequentes e sendo considerado responsável pelas variadas frustrações dos pais (Lopes Neto, 2005).

A forma de convivência que predomina na família, ou seja, a maneira como foi ensinado a obter prazer e satisfação dos seus desejos, a forma como os seus defeitos ou incompetências foram apontados são indicadores importante de risco para a prática de *bullying* (Eiras, 2011).

A ausência em muitas famílias de um dos progenitores, a ausência de um bom entendimento afetivo entre o casal e seus filhos, essencialmente falta de carinho e segurança, poderá ser uma das causas para a falta de empatia dos alunos por parte dos seus colegas (Botelho e Souza, 2007).

É interessante verificar que vários autores apontam o *bullying* como fator de risco. Poletto e Koller (2008) e Cunha (2009) consideram o *bullying* como um fator de risco para o desenvolvimento físico e emocional da criança, necessitando de mais atenção e de estudos que possam fundamentar intervenções que favoreçam seu desenvolvimento saudável. Já Rolim (2008) identifica a prática de *bullying* como fator de risco importante para comportamentos anti-sociais e delinquentes.

## 2.5 Pesquisas e Prevalência

A violência escolar (*bullying*) é um tema muito falado, comentado, discutido e estudado nos dias de hoje, principalmente pelas recorrentes ocorrências deste fenômeno que atinge as crianças, os jovens e os adultos no mundo inteiro.

Neme, Mello, Gazzola e Justi (2008) realizaram um levantamento bibliográfico sobre *bullying*, no período de 2000 a 2006, por busca eletrônica de artigos indexados nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana de Ciências da Saúde), MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

A presente investigação encontrou 7 artigos sobre *bullying* na área da psicologia, cruzando-se os termos *bullying/ humanos/psicologia* e 27 artigos com o cruzamento dos

termos *bullying*/crianças. Verificou-se que todas as pesquisas alertam para a necessidade de atenção direta e de programas anti-*bullying* nas escolas para diminuir a ocorrência e danos psicossociais às vítimas. Os estudos indicaram também que a adoção de programas continuados em escolas tem demonstrado efetividade na prevenção do consumo de álcool e drogas e redução da violência, sugerindo que tais programas façam parte do currículo escolar.

Atualmente, o número de artigos referentes ao tema, em sites de busca científica, subiu para centenas, tendo estudos de diversos tipos (estudos de prevalência, relatos de caso, revisão de literatura, entre outros) e de vários países.

Pesquisas realizadas em diversos países apontam índices preocupantes quanto a violência escolar. Estima-se que de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em condutas agressivas no ambiente educacional (Silva, 2010).

O estudo de Nansel et al. (2004) contou com uma amostra de 113.200 estudantes em idade média de 11,5, 13,5 e 15,5, em 25 países. Os resultados mostraram prevalências altamente significativas de práticas agressivas e desajustamento psicossocial, variando de 9% para 54% da juventude. Craig et al. (2009) averiguou dentre os 40 países pesquisados que as taxas mais elevadas de intimidação e vitimização ocorreram em países do leste europeu e as menores taxas em países escandinavos.

No Brasil ainda são poucas as pesquisas sobre *bullying*, mas os estudos vem ganhando força ultimamente. Um exemplo é a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) exposta por Malta et al. (2010) com 60.973 escolares de 1.453 escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Nesse estudo foi verificado a urgente necessidade de ações intersetoriais a partir de políticas e práticas educativas que efetivem redução e prevenção da ocorrência do *bullying* nas escolas.

Donohue e Achata (2007) realizaram suas pesquisas com 185 alunos na cidade de Lima, Peru e constataram que 54,7% dos estudantes haviam sofrido *bullying*.

Outras pesquisas enfocam o nível de escolaridade. Cepeda-Cuervo (2008) e Martins (2005) verificaram uma tendência para a diminuição da vitimização na medida em que os anos de escolaridade avançam. Entretanto, Fante e Pedra (2008) alegam que mesmo diminuindo a frequência e o registro de *bullying* na adolescência, aumenta a gravidade, a intensidade e a qualidade dos ataques, e, devido ao grau de maturidade e ampliação das relações interpessoais e enamoramentos, no ensino médio os ataques se transformam em atos de vandalismo e delinquência.

Na pesquisa realizada por Bauer et al. (2006) com crianças de 6 a 13 anos de idade foi verificado que a prevalência de *bullying* foi de 34,6% para as crianças que tinham entre 6 e 9 anos e de 32,4% para aquelas que tinham idades entre 10 e 13 anos.

Aqui há uma correspondência nos resultados, comparando essas duas pesquisas, na primeira, os índices de agressividade diminuíram nas faixas-etárias maiores, na segunda, crianças menores apresentaram taxas mais significativas de ocorrências de *bullying*.

Quanto ao horário de maior ocorrência de *bullying* há uma discordância entre autores. As pesquisas internacionais demonstram que a agressão física ocorre geralmente na hora do intervalo (recreio) sem a presença do professor. Entretanto, estudos no Brasil afirmam que 80% acontecem em sala de aula na presença do professor (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Contudo, um dado em comum é que o *bullying* ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos, seja ela pública ou privada (Silva, 2010). O estudo de Malta (2010) corrobora essa ideia, esclarecendo que não houve diferença significativa quanto a ocorrência de *bullying* em relação ao tipo de escola, privada ou pública.

Pensando nisso, foi criada uma Lei Anti-*bullying* no Rio Grande do Sul, pelo Vereador Mauro Zacher. O Diário Oficial de Porto Alegre, em 29.03.2010, publica a Lei nº 10.866, de 26 de março de 2010, que estabelece o desenvolvimento de política contra o *bullying* por instituições de ensino e de educação infantil, públicas e privadas, com ou sem fins lucrativos.

Avaliando a questão do gênero, os resultados das pesquisas apontam que as atitudes facilitadoras de violência, comportamentos agressivos ocorrem mais frequentemente no gênero masculino (Esperon, 2004; Lopes Neto, 2005; Segredo et al., 2006; Bauer et al., 2006). Porém, pesquisas atuais (Santos e Grossi, 2008; Cepeda-Cuervo et al., 2008) mostraram que não há diferença entre os gêneros quanto a prática de *bullying* no contexto escolar.

A informação de que tanto o gênero masculino quanto o feminino vem apresentando os mesmos comportamentos agressivos dão uma sensação de igualdade, mas de modo negativo que precisa ser revisto.

## 2.6 Programas de Intervenção

Hoje em dia o *bullying* deixou de ser uma preocupação a ser tratada apenas a nível educacional e passou a ser considerado um problema de saúde pública, exigindo-se intervenções efetivas e prementes. Devido a isso, vários programas anti-*bullying* vem sendo adotados e implementados nas escolas e por instituições.

Segundo Picado (2009) a atuação face à problemática do *bullying* deve assumir sempre um duplo caráter: preventivo e atuativo. Ao nível *preventivo* o autor propõe: um compromisso escrito da comunidade educativa contra o *bullying*; ações de promoção de um ambiente escolar humanista; direção da escola “visível” e encorajadora frente à atuação de professores, alunos, auxiliares e pais; estreitas relações entre a escola e a comunidade, e por fim, promoção de uma cultura de diálogo entre o grupo de professores. Ao nível *atuativo* o autor defende: identificação das situações-problema (onde, quando, envolvidos e porquê); propostas de intervenção a 360° (alunos, professores, pais e colaboradores escolares); identificação dos recursos humanos da escola e da comunidade; implementação de um plano de ação a 360°; quantificação dos objetivos e metas a atingir e, finalmente, avaliação.

Em artigos internacionais está descrito que a taxa de *bullying* nas escolas reduz até 80% quando se implanta o programa antiviolença com a participação de pais, alunos e escola, dispondo de ações continuadas com finalidade comum em combater a violência, proteção e assistência às vítimas e agressores (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Para Martins (2005) os programas de prevenção da violência escolar devam dirigir-se mais aos grupos (escolas e turmas), do que aos indivíduos especificamente, e que o fato de se manifestar sob diferentes formas, sugere que as estratégias de intervenção ou prevenção deverão levar em conta o tipo de *bullying* que se pretenda prevenir ou erradicar.

Com o intuito de manejá-los adequadamente todo o contexto deve estar envolvido: a família tem que estar atenta a mudanças de personalidade do filho, os educadores têm que saber reconhecer o problema e saber intervir adequadamente e o pediatra e médico de família devem aprender a identificar, durante a consulta, a ocorrência de *bullying* através de uma anamnese bem dirigida para obter informações que os possibilite agir por meios adequados (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Programas de intervenção em Portugal mostrou maior impacto na redução de *bullying*, foi implementado em escolas do Norte do país um programa que consistiu na formação dos professores com o objectivo de os sensibilizar para esta problemática, no equipamento dos recreios escolares com diversos materiais lúdicos e numa maior supervisão por adultos durante os mesmos (Mendes, 2011).

No Brasil também existem programas que foram desenvolvidos com o intuito de combater a violência escolar, como por exemplo, o Programa Anti-*Bullying* Educar para a Paz em Brasília/DF desenvolvido e coordenado pelo Instituto CEMEOPES (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Fenômeno *Bullying* Escolar), o Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes desenvolvido pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro, e também o Projeto Diga Não ao *Bullying*, o qual recebeu o “Prêmio Direitos Humanos / 2008, desenvolvido e coordenado pela ONG Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário, em Porto Alegre/RS (Borges, 2008).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA), sob o patrocínio da Petrobrás, desenvolveu o programa de Redução do Comportamento Agressivo entre os Estudantes, no período de setembro de 2002 a outubro de 2003, cujo objetivo foi investigar o fenômeno *bullying*, através de alunos de quinta a oitava séries do ensino fundamental. Através desse programa foi possível reduzir a agressividade entre os estudantes, favorecendo o ambiente escolar, o nível de aprendizado, a preservação do patrimônio e, principalmente às relações humanas escolares (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Outra tentativa de contribuir para o fim da violência entre os jovens é o projeto Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz, da Unesco (Noletto, 2001). A cultura de paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos, isto é, uma cultura baseada em tolerância, solidariedade e compartilhamento em base cotidiana, uma cultura que respeita todos os direitos individuais e que se empenha em prevenir conflitos. Para isso, a idéia da UNESCO é a abertura das escolas nos finais de semana a fim de oportunizar aos jovens atividades de lazer, esporte, cultura, em suas próprias comunidades.

A proposta de educação para a paz de Maria Tereza Maldonado salienta a necessidade da prevenção à violência essencialmente através da resolução não violenta de impasses e conflitos, da necessidade de se canalizar a agressividade para fins

construtivos e do reconhecimento de que a prevenção à violência jaz “nas miudezas do dia-a-dia” (p. 59). Em sua proposta de prevenção à violência envolvendo alunos, pais e professores, a autora indica princípios básicos que consistem em aprender a ouvir com atenção, consideração e sensibilidade, reclamar do que não gosta sem ofender, humilhar ou atacar a pessoa, atacar o problema e não a pessoa, neutralizar a raiva quando esta se intensifica a tal ponto que corre o risco de desembocar em atos violentos, dizer o que gosta com relação ao que os outros dizem ou fazem, descarregar as tensões inevitáveis de modo saudável, tolerar as diferenças e usar métodos não violentos para colocar limites e favorecer a disciplina (Souza, 2007).

Almeida, Silva e Campos (2008) citam que em São José do Rio Preto o “Programa Educar para a Paz” conseguiu reduzir o percentual de vítimas de 22% para 4%, através da sistematização de estratégias psicopedagógicas fundamentada na solidariedade, tolerância e respeito às diferenças nas escolas. Já no Rio de Janeiro houve o desenvolvimento de medidas preventivas através de palestras para alunos, professores e pais, atividades artísticas, criação de contato de convivência entre os alunos e grupo de fiscalização que vigiavam o comportamento agressivo entre os colegas (Almeida, Silva e Campos, 2008).

Além destes programas outros ainda existem, como o projeto Paz nas Escolas, em nível federal, o projeto recém-lançado Escola Aberta para a Cidadania, parceria entre a Unesco e o governo estadual (RS), e o Programa de Prevenção à Violência no Meio Escolar, em nível municipal (Porto Alegre, RS) (Souza, 2007). Nesse contexto, a educação para a paz, aos poucos passa a integrar as pautas brasileiras de discussão da violência na escola, mas ainda carece de maior destaque e, conseqüentemente, de estudo.

## Capítulo III

### Discussão

O enfoque do presente trabalho, o *Bullying*, é um tema mundialmente conhecido, debatido e pesquisado. Este fenômeno da violência escolar existe há bastante tempo, mesmo antes de se ter esta nomenclatura aqui no Brasil, porém antes não era considerado e levado tão a sério, apenas tido como brincadeira de criança, frescura, bobagem, mas talvez, naquela época, não eram feitos tão graves como se apresentam nos dias de hoje.

O fato é que o *bullying* por se tratar de comportamentos agressivos e repetitivos, causa sofrimento, gera danos, deixa marcas e provoca sequelas irreparáveis independentemente do tipo de ataque, de quando ocorreu, como ocorreu e porque ocorreu tal agressão.

É verdade que essa prática tomou proporções preocupantes ao longo do tempo, sendo considerada atualmente como um problema de saúde pública e não apenas como um evento isolado, a ser tratado apenas no contexto de sua ação. Isso tem gerado uma mudança de atitude e visão diferenciada do fenômeno, surgindo mais intervenções e propostas de apoio e prevenção.

Sabemos que vivemos num mundo globalizado, onde fronteiras foram derrubadas, seja pela mídia seja pela tecnologia disponível a grande parte da população. O que não sabemos o suficiente é o quanto esses espaços “virtuais” se tornaram danosos e prejudiciais à condição humana. O *cyberbullying* é um exemplo claro disso, pois é um descendente do *bullying* com a diferença de se utilizar de equipamentos de comunicação (computador, celular, etc.) para causar agressões e intimidações.

Este tipo de violência digital pode ser considerado mais nocivo porque estimula ataques de crianças e adolescentes que não teriam coragem de praticá-los face a face. Além disso, é um meio de exposição que dificilmente o agressor será descoberto, já que ele pode usar outra identidade ou se colocar como anônimo.

Poucas pesquisas referem-se a este tema, mas o que já se estudou deixa claro que é uma prática que acontece em vários países e os índices de autores e alvos são muito elevados, o que serve de incentivo para se buscar novos achados que possam contribuir para um maior conhecimento deste fenômeno e tentativas de amenizar o problema.

Outra questão importante a se levar em conta é que esses aparelhos não são de uso restrito dos agressores para difamar, provocar, caluniar, mas também atendem às testemunhas e às vítimas que podem utilizar para expor seus dramas, escrever sobre seus sofrimentos, descrever situações vivenciadas, postar vídeos, fazer pedidos de ajuda e realizar denúncias.

É pertinente expressar ainda que os veículos de comunicação em si não podem ser vistos apenas negativamente, eles podem ser usados tanto para o bem como para o mal, o que fará diferença será quem os usa e com qual finalidade.

No decorrer da revisão várias nomenclaturas são citadas ao se referirem aos personagens envolvidos em *bullying*: agressores ou autores ou *bullies*, vítimas ou alvos, vítimas passiva, vítimas provocadoras, vítimas agressoras, seguidores, testemunhas ou espectadores. Cada pesquisador utiliza um ou mais termos, cria outros, numa tentativa de ampliar o fenômeno ou deixar sua contribuição, mas pode gerar confusão no leitor que tem de se lembrar dos sinônimos dos atores de *bullying*.

Mais relevante do que os nomes é discutir as suas características a fim de identificarmos os personagens e as consequências que essa prática gera em todos os envolvidos. Praticamente todos os textos trazem a figura do agressor como maldoso, tirano, impulsivo, anti-social, delinquente, controlador, etc., poucas pesquisas questionam tal atitude ou se preocupam ou sensibilizam com esse personagem, buscando o outro lado da moeda, os próprios artigos e a mídia já os condenam.

Este escrito não quer parecer defensor dos *bullies*, apenas propor reflexões já que por trás de todas as pessoas há uma história, um passado, um contexto. Talvez se olhássemos os agressores sem nos projetarmos na vítima poderia haver outras revelações desse personagem que nos causa tanto mal estar. Sabe-se pelos estudos que famílias de crianças e adolescentes agressores são desestruturadas e desestruturantes, muitas vezes parecendo justificar tais atitudes dos filhos autores de *bullying*.

Claro que também não podemos esquecer e deixar de falar da perversidade do agressor, que nem todos os indivíduos com um modelo de família sem afetividade, permissiva, punitiva se tornam *bullies*. Muitas vezes há influência direta do grupo de amigos, da comunidade, do contexto escolar ou da própria individualidade do autor. Outras vezes a tentativa de defesa ou firmar uma individualidade faz com que se torne um agressor. Ou ainda, a percepção de violência nos atos de *bullying* nem sempre está clara para os estudantes, sendo que muitas vezes eles não conseguem diferenciar os



limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus-tratos violentos.

Mas pode ocorrer que, na medida em que suas ameaças vão tendo sucesso, isto é, conseguem intimidar ou praticar atos que gerem medo ou sofrimento nas vítimas, eles vão se tornando cada vez mais fortes diante da situação e isso pode levar a um sentimento de onipotência que dificilmente será revertido sem uma intervenção necessária que os façam reconhecer a crueldade de suas ações.

Em relação às vítimas encontramos uma figura fragil, insegura, baixa auto-estima, passiva, tímida, fisicamente diferente da maioria, etc. Estas características voltadas para uma inferioridade fortalecem a posição do agressor e coloca a vítima, muitas vezes, em segundo plano, passando despercebida no contexto.

Assim, torna-se difícil o reconhecimento do *bullying* sofrido já que a vítima acaba se calando perante as agressões ou intimidações e escondendo o que se passa realmente, inclusive dos professores e seus familiares. Isto pode acarretar também um sofrimento maior ainda e por muito mais tempo sem que ninguém saiba o motivo de seu comportamento, pois normalmente a vítima tem vergonha do que os outros possam pensar ou sente medo das consequências que poderão vir do agressor se denunciá-lo.

Essa conduta de silêncio acaba se tornando extremamente perigosa, pois pode levá-la a desenvolver transtornos mentais, tentativas de suicídio com ou sem sucesso e mudança na personalidade passando a ter condutas agressivas e violentas, a ponto de se tornar um autor de *bullying* ou cometer massacres, como já foi visto antes.

Quanto às testemunhas, estas por mais que pareçam ser meros espectadores e não fazer parte deste cenário de *bullying* a literatura mostra o contrário, sem que percebam já estão envolvidas, umas agem inconscientemente seja qual posição que tome, outras são conscientes, se calam e mantem a “lei do silêncio” sem nada fazer ou então reforçam a atitude do agressor com sua cumplicidade e até mesmo apoio com a intenção de se manter protegida e não se transformar na próxima vítima.

Os estudos envolvendo as testemunhas são escassos, poucas referências foram encontradas a respeito desse personagem, deixando um campo aberto para futuras pesquisas, o que poderia ajudar na compreensão desse sujeito que, como agressor e vítima, também sofre sequelas físicas, cognitivas e psicológicas e tem o pior tipo de família conforme a informação encontrada no texto.

As testemunhas sempre se mostraram sujeitos de grande utilidade seja em qual circunstância for, nesta situação de *bullying* não é diferente porque não estão tão

absortos no problema como as vítimas e estão fora de qualquer “suspeita” por assim dizer. Desse modo, elas poderiam trazer uma contribuição muito grande no combate ao *bullying*, se assim o fizessem poderiam evitar um sentimento de culpa pela omissão ou evitar despertar um futuro agressor pelo reforço.

Um assunto fundamental e que não dá para não falar são as consequências trazidas pelo *bullying*. A literatura trata, neste sentido, todos os atores como iguais, portanto, sinais e sintomas ocorrem no agressor, na vítima, na vítima-agressora e na testemunha, sem nenhum deles estar protegido desta “maldição”, apenas o que pode ocorrer são manifestações diferentes em cada um deles, mas sem maior ou menor grau de importância.

Os efeitos ocasionados no agressor estão mais relacionados com comportamentos de risco, criminalidade, uso de drogas, condutas anti-sociais, delinquência, por outro lado, a vítima também pode apresentar algum desses sintomas, mas na grande maioria desenvolve transtornos psicossomáticos que afeta diretamente suas relações sociais e interpessoais. As testemunhas não se tem muito clara as consequências devido a falta de material científico publicado.

O *bullying* é um fenômeno complexo, difícil de ser identificado e tratado, por isso a prevenção é a melhor cura, mas quando isso não é possível temos que analisar os fatores que causaram o risco naqueles que se envolveram em *bullying*. Dentre os vários existentes os principais são a família e a escola.

A família está na vida do indivíduo desde o princípio e é a principal responsável pela formação da sua personalidade e do seu caráter. Atualmente há vários modelos de famílias, não mais só constituída de pai, mãe e irmãos, o que não significa que esses novos modelos possam causar algum risco, a maneira como se dá a interação entre os membros da família e como ocorre a educação é que vão ser elementos fundamentais a produzir os personagens do *bullying*.

Dentre as explicações encontradas no texto para a prática do *bullying* observamos que grande parte delas decorrem de questões relacionadas ao contexto familiar, o que podemos pensar que os agressores de uma certa forma também podem ser considerados vítimas de um meio que não atendeu de modo satisfatório as exigências para um desenvolvimento pleno e saudável.

Da mesma forma, as vítimas também podem ser vítimas do ambiente familiar quando este não dá o suporte necessário para um crescimento e maturidade, já que o reflexo que se observa nas vítimas são crianças e adolescentes superprotegidos, passivos

e sem espírito crítico definido.

A escola, por outro lado, é o primeiro mundo social mais amplo fora da família na qual o sujeito faz parte. É onde predominam as relações interpessoais e se mantém contato com outras figuras de autoridade além das figuras parentais. A escola completaria a educação dada inicialmente pelos pais, mas quando esta deixa de cumprir o seu papel social o aluno pode ficar vulnerável a estas influências externas, tornando-se agressor ou vítima.

Foi verificado também que a pessoa do professor é fundamental neste processo da violência escolar, pois ele pode contribuir para que se consolide o papel de vítima, na medida em que se omite perante alguma situação de *bullying*. Do mesmo modo, essa atitude de silêncio reforça as condutas do agressor porque não sendo chamados a atenção, pensam que suas atitudes não trazem consequências mais graves, já que é muito tênue a linha que separa a brincadeira da violência.

Toda escola deve ficar alerta diante de qualquer sinal de agressividade, reclamação de alunos, comportamentos diferentes do habitual, pois pesquisas mostraram que a ocorrência da violência escolar é geral nas escolas do mundo inteiro. Diante disso, os programas de intervenção se tornaram cruciais para amenizar essa problemática mundial, mobilizando inclusive governos e instituições no combate ao *bullying*.

Os programas anti-*bullying* citados na revisão de iniciativas federais, municipais e regionais demonstraram estar obtendo resultados positivos com a diminuição da violência nas escolas, mas não podemos deixar de citar e reconhecer o valor daquelas intervenções isoladas que cada escola fabrica no seu contexto. São debates, palestras, trabalhos escolares, conversas informais na sala de aula, todas essas contribuições certamente melhoram a qualidade de vida dos alunos envolvidos ou previnem futuros casos, minimizam as sequelas das consequências bem como garantem um espaço mais aberto ao diálogo, gerando confiança nos alunos e alívio dos sintomas já instalados.

Em pesquisas realizadas no contexto escolar alguns dados mostraram ser bastante preocupantes. Um exemplo é a percentagem global de crianças em idade escolar envolvidas em condutas agressivas que atingem taxas de 5% a 35%. No Peru, estudos revelaram índices de 54,7% de vítimas e no Brasil as taxas chegaram a 30,8%.

Se pensarmos melhor nestas estatísticas, equivale dizer que o *bullying* se tornou uma epidemia mundial, de consequências nefastas, na qual a tendência é piorar. Os artigos referentes ao tema trazem geralmente conceitos, percentagens, algumas

intervenções, mas tudo isso parece insuficiente para resolver o problema, pois temos visto notícias de alunos suicidas ou muito violentos a ponto de cometer massacres, transpor essa agressividade para figuras de autoridade superior, como alunos batendo e ameaçando professores, crianças pré-escolares agredindo seus pais. A violência está deixando de ser somente entre pares de iguais, tomando proporções desmedidas e sem limites.

Outras investigações refletem esta realidade quando apontam maiores índices de *bullying* em crianças com menores faixa-etárias. Pode-se pensar que mesmo em diferentes contextos que as pesquisas foram realizadas, a primeira se deu na América do Sul (Colômbia e Brasil) e a segunda na América do Norte (Estados Unidos) os resultados não modificaram-se, provando haver um descontrole ou um descaso por parte de familiares, escola, instituições e governos em relação as ocorrências de *bullying*.

Crianças muito pequenas já agressoras e vítimas é uma triste realidade que enfrentamos na contemporaneidade e cabe às famílias e à sociedade romper esse ciclo com mais afeto, diálogo, igualdade, limites e justiça. Esperamos que num futuro próximo essas diferenças sejam vistas como algo bom, onde um possa crescer e aprender com o outro numa relação de empatia e respeito.

Porém, esta igualdade não traz benefícios quando meninos e meninas adquirem as mesmas atitudes agressivas para com os seus iguais. As pesquisas recentes revelam que os comportamentos de *bullying* ocorrem da mesma forma no gênero masculino e feminino. É certo que as mulheres, merecidamente, conquistaram seu espaço nas eleições, no mercado de trabalho, nas chefias das grandes empresas, dividem as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos com seus maridos, mas também não é por isso que devam ter atitudes ditas masculinas, como a agressividade e a violência. Antes o *bullying* nas meninas se dava mais sutilmente, com apelidos, fofocas, agressões verbais, mas agora aparecem com agressões físicas na mesma proporção que os meninos, quem sabe por influências sociais ou até mesmo emocionais pela pressão e cobrança que acabam tendo em virtude das mesmas responsabilidades e compromissos que o mundo exige hoje em dia delas.

Por fim, é relevante considerar que esta revisão bibliográfica é apenas uma tentativa de trazer mais e novas reflexões à população que se interessar pelo tema, pois não se trata de pesquisa de campo, embora espera-se ter contribuído para que novos interesses surjam e pesquisas se multipliquem no combate e erradicação deste fenômeno e processo complexo que é o *bullying*.

## Capítulo IV

### Considerações Finais

Tendo por objetivo fazer uma revisão de literatura sobre o *bullying*, a presente monografia trouxe diversas informações acerca deste fenômeno, decorrente de comportamentos agressivos que acontecem com crianças e adolescentes do mundo todo em proporções cada vez maiores.

Vimos que qualquer estudante pode se tornar agressor, vítima ou testemunha, dependerá dos fatores de risco a que estiver sujeito, pela própria individualidade, na família, na escola, com amigos, na comunidade, etc.

Esses fatores, por conseguinte, poderão gerar sinais e sintomas dos mais diversos tipos e gravidade, a curto e a longo prazo, sendo ou não possível obter melhoras através de tratamentos ou programas de intervenção.

Os programas anti-*bullying* estão sendo criados e implementados com mais frequência por instituições e ambientes escolares, tendo tido bons resultados, com a diminuição de casos ocorridos.

Porém, acredito que ainda estamos longe de conseguir vencer esta batalha, há muitos elementos envolvidos que fogem da boa vontade daqueles que lutam contra o *bullying*. Para se obter maior êxito família, escola e sociedade devem se unir, cada um fazendo a parte que lhes cabe em prol de uma única finalidade que é o combate da violência escolar hoje.

## Referências

Almeida, K. L., Silva, A. C., Campos, J. S. (2008). A importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. *Revista de Pediatria*, 9 (1), 8-16.

Antunes, D. C., Zuin, A. A. S. (2008). Do *Bullying* ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20 (1), 16-32.

Bauer, N. S., Herrenkohl, T. I., Lozano, P., Rivara, F. P., Hill, K. G., Hawkins, J. D. (2006). Childhood *Bullying* Involvement and Exposure to Intimate Partner Violence. *Pediatrics*, 118 (2), e235–e242.

Borges, L. S. S. (2008). Análise teórica abordando sobre a evolução histórica do fenômeno *bullying*. *Revista Intercursos*, 7 (2).

Botelho, R., Souza, J. (2007). *Bullying* e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58-70.

Campbell, M. A. (2005). *Cyberbullying*: An Old Problem in a New Guise? *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 15 (1), 68-76.

Cepeda-Cuervo, E., Pacheco-Durán, P. N., García-Barco, L., Piraquive-Peña, C. J. (2008). Acoso Escolar a Estudiantes de Educación Básica y Media. *Revista de Salud Pública*, 10 (4), 517-528.

Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., Pickett, W. and col. (2009). A cross-national profile of *bullying* and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54 (Suppl 2), 216–224.

Cunha, J. M. (2009). Agressão e vitimização na escola e depressão entre adolescentes: investigando relações. *IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)*. p. 9128-9142. PUCPR. Paraná, Brasil.

Debarbieux, E. (2006). *Violência na Escola – Um desafio mundial?* Lisboa: Instituto Piaget.

Diário Oficial de Porto Alegre (2010). Disponível em:  
[http://procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu\\_doc/maio\\_2010\\_04maio10.pdf](http://procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu_doc/maio_2010_04maio10.pdf).  
(Acessado em 02/04/12)

Donohue, M. O., Achata, A. B. (2007). Incidência y factores de riesgo de la intimidación (*bullying*) en un colegio particular de Lima-Perú. *Revista Peruana de Pediatría*, 60 (3), 150-155.

Eiras, C. V. C. (2009). *Fenómeno Bullying no Contexto Escolar*. Disponível em:  
<http://www.psicologia.pt> (Acessado em 07.04.2012).

- Esperon, P. S. M. (2004). *Bullying* - Comportamento agressivo entre colegas no ambiente escolar. *Revista Pediatria Moderna*, 40 (2), 69-76.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência e educar para a paz*. Campinas: Verus Editora.
- Fante, C., Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, A.S., Freire, I. P., Simão, A. M. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), 157-183.
- Fonseca, I., & Veiga H. F. (2007). Violência escolar e *bullying* em países europeus. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte da Silva & L. Almeida (Eds.), *Libro de Actas do IX Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 107-118). A. Coruña, Universidad da Coruña: Revista Galego Portuguesa de Psicología e Educación.
- Francisco, M. V., Libório, R. M. C. (2009). Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (2), 200-207.
- Li, Q. (2006). *Cyberbullying* in schools: A research of gender differences. *School Psychology International*, 27 (2), 157-170.
- Lisboa, C., Braga, L. L., Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade. *Contextos Clínicos*, 2 (1), 59-71.
- Lopes Neto, A. A. (2005). *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5 Supl), 164-172.
- Maidel, S. (2009). *Cyberbullying*: um novo risco advindo das tecnologias digitais. *REID*, 2, 113-119.
- Malta, D. C. et al. (2010). *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (Supl. 2), 3065-3076.
- Martins, M. J. D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (23), 401-425.
- Mendes, C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45 (3).
- Nansel, T. R., Craig, W., Overpeck, M., Saluja, G., Ruan, J. and col. (2004). Cross-national Consistency in the Relationship Between *Bullying* Behaviors and Psychosocial Adjustment. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 158 (8), 730–736.
- Neme, C. M. B., Mello, L. C., Gazzola, R.A., Justi, M. M. (2008). Fenômeno *Bullying*: análise de pesquisas em Psicologia publicadas no período de 2000 a 2006. *Revista Pediatria Moderna*, 44 (5), 200-204.

- Noletto, M. J. (coord.) (2001). *Abrindo espaços: Educação e Cultura para a Paz*. Brasília: Ed. UNESCO Brasil.
- Oliveira, J. R., Gomes, M. A. (2012). *Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar*. *Revista Educação por Escrito*, 2 (2).
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (2004). *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. 2 ed. Madrid: Morata.
- Pérez, J. d. R., Sala, X. B., Chalezquer, C. S., González, D. G. (2009) (tradução: Lilian Escorel). *Cyberbullying: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela*. V *Congresso Internacional sobre Comunicação e Realidade*, Universidade de Navarra. Disponível em:  
[http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Z0liVUJkh\\_0J:scholar.google.com/&hl=pt-BR](http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Z0liVUJkh_0J:scholar.google.com/&hl=pt-BR). (Acessado em 29.10. 2009).
- Picado, L. (2009). *Bullying em contexto escolar*. Disponível em:  
<http://www.psicologia.pt> (Acessado em 03.04.2012).
- Poletto, M., Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25 (3), 405-416.
- Rodriguez, N. E. (2007). *Bullying: guerra nas escolas*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Rolim, M. (2008). *Bullying: o pesadelo da escola – um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Santos, A. M., Grossi, P. K. (2008). Fenômeno *Bullying*: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. *Revista Textos & Contextos*, 7 (2), 286-301.
- Segredo, N. C., Kahan, E., Luzardo, M., Najson, S. y colaboradores (2006). Agresión entre pares (*Bullying*) en un centro educativo de Montevideo: estudio de las frecuencias de los estudiantes de mayor riesgo. *Revista Médica del Uruguay*, 22, 143-151.
- Silva, T. N. (2006). *Bullying: só quem vive sabe traduzir*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Silva, M. V., Vinha, T. P. (2011). *Bullying na escola: uma reflexão sobre suas características*. II COPPEM - Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral: *Conflitos nas instituições educativas: perigo ou oportunidade?* 1, 711-733, Campinas, SP, Brasil.



Souza, L. K. (2007). Educação para a paz e educação moral na prevenção à violência. *Psicologia da Educação*, 25, 131-155.

Vieira, T. M., Mendes, F. D. C., Guimarães, L. C. (2009). De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (3), 493-501.

Zaine, I., Reis, M. J. D., Padovani, R. C. (2010). Comportamentos de *bullying* e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 27 (3), 375-382.

ZERO HORA. *Homem invade escola no Rio de Janeiro e atira contra estudantes.*

07.04.11. Disponível em:

<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2011/04/homem-invade-escola-no-rio-de-janeiro-e-atira-contr-estudantes-3266402.html>. (Acessado em 02.04.2012).